



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A ESCOLA ENQUANTO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO²⁶⁵Sara Rejane Carvalho Matos
(UESB)Wanderson Oliveira Santos*
(UESB)**RESUMO**

Este artigo tem a finalidade de discutir a função e o papel da escola enquanto instituição social, que tem finalidades específicas na reprodução da organização social. Tendo isso em vista, a escola deve ter um caráter emancipador, na busca da efetivação de sua autonomia, possibilitando meios de promover a interdisciplinaridade para que o processo de ensino-aprendizagem não continue engessado, verticalizado. Para a fundamentação teórica, foi realizada pesquisa bibliográfica com base nos seguintes autores: Alarcão (2001), Alves & Pretto (2005), Cunha & Góes (2002), Cavalcanti (1998, 2002), Dayrell (1996), Freitag (1979). Também foram feitas entrevistas semiestruturadas com a vice-diretora de duas escolas: Colégio Estadual Polivalente de Vitória da Conquista e Instituto de Educação Euclides Dantas; além de observações diretas da estrutura física de seus respectivos espaços.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Ensino. Alunos.**INTRODUÇÃO**

A escola, apesar de ser um aparelho ideológico de Estado, cumpre papel importantíssimo na reprodução da organização social. Sua função vai além de formar cidadãos para o mercado de trabalho, ela os prepara para a vida, ou, como ressalta Alarcão (2001), ela é a própria vida. A escola não está dissociada do contexto social; nesse sentido, ela é produto das relações sociais que se tecem em

²⁶⁵Trabalho de pesquisa resultante da experiência de Estágio Supervisionado na disciplina Prática de Ensino de Geografia, orientado pela prof^{ra}. Msc. Sandra Mara Vieira Oliveira.

* Graduandos do VIII Semestre do Curso de Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB – e integrantes do grupo de pesquisa Espaço, Memória e Representações Sociais. E-mails: rejecmatos@gmail.com e Wanderson18@gmail.com.



uma determinada sociedade. Por assim ser, ela também deve acompanhar as transformações que ocorrem nesta última, com o intuito de não se tornar uma instituição anacrônica e defasada.

Com base nisso, pretende-se com este artigo abordar que a escola não é o local de transmissão de conhecimento, e sim de produção do mesmo. Nessa ótica, sua função não é fazer com que os alunos acumulem conhecimento, mas os produza com autonomia e de forma crítica, desenvolvendo competências e capacidades que vão além de simplesmente decorar conteúdos.

Para cumprir o seu papel de maneira satisfatória, essa instituição jamais deve fechar-se em si mesma. Nessa perspectiva, ela deve interagir com os demais segmentos sociais externos a ela, propiciando meios eficazes que possibilite a construção do conhecimento. Investir teórica e praticamente no ensino escolar é, pois, investir nas formas de promoção da democracia, da vida cotidiana, da justiça e da igualdade formal, considerando seu âmbito peculiar de atuação ao lado de outras esferas sociais, econômicas, políticas e culturais.

O presente trabalho foi desenvolvido, primeiramente, com base em leituras fundamentadas em discussões teóricas de autores que se debruçam sobre o tema. Em seguida, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com a vice-diretora de duas escolas: Colégio Estadual Polivalente de Vitória da Conquista e Instituto de Educação Euclides Dantas, a fim de conhecer o espaço escolar em suas três dimensões: espaço administrativo, espaço físico e espaço pedagógico.

O texto inicialmente discute o espaço escolar enquanto reflexo da construção social, uma vez que a escola é construída cotidianamente pelos sujeitos que a compõem. No segundo momento, aborda-se a escola como o lugar de transformação social, visto que ela não se encontra isolada dos demais contextos sociais; e, no terceiro e último momento, é feita a caracterização do espaço físico, administrativo e pedagógico de ambas as escolas, com o intuito de tecer alguns comentários sobre sua estrutura organizacional.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Afinal, o que é a escola? Qual sua função? De que escola estamos falando? Essas foram algumas indagações que surgiram ao refletirmos sobre a escola e o seu papel enquanto instituição social.

Segundo Freitag (1979), a escola sempre foi um aparelho ideológico de Estado que cumpriu funções específicas na reprodução da organização social. Ao contrário do que muitos pensam, ela não está dissociada do contexto social em que a mesma se encontra, pois sofre influências externas que atingem todos os âmbitos da instituição, inclusive o pedagógico.

Ainda de acordo a autora supramencionada, além de a escola ser uma instituição social e um aparelho ideológico de Estado, ela está em consonância com as demandas da sociedade. Destarte, a escola deve acompanhar as mudanças no tempo hodierno para não se tornar uma instituição anacrônica, defasada e/ou obsoleta. Nessa direção, Alarcão aponta:

Se a escola como instituição não quiser estagnar, deve interagir com as transformações ocorridas no mundo e no ambiente que a rodeia. Deve entrar na dinâmica atual marcada pela abertura, pela interação e pela flexibilidade. [...] Com efeito, as instituições, à semelhança das pessoas, são sistemas abertos. Estão em permanente interação com o ambiente que as cerca, que as estimula ou condiciona, que lhes cria contextos de aprendizagem. Ao serem pró-ativas em sua interação, ajudam a sociedade a transformar-se, cumprindo assim um aspecto da sua missão (ALARCÃO, 2001, p. 25).

Assim sendo, a escola não deve ser o lugar de transmissão de conhecimento, mas sim de produção do mesmo. Apoiando nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), “a escola é a agência que especificamente está dedicada à tarefa de organizar o conhecimento e apresentá-lo aos alunos pela mediação das linguagens, de modo a que seja aprendido” (BRASIL, 2000, p. 84). Nesse intuito, se torna de extrema importância a presença da figura do professor, aquele que media e conduz



o aluno no caminho rumo à construção do conhecimento, visto ter um domínio mais avançado deste em relação ao aluno.

O papel da escola enquanto “agente” transformador deve cumprir a função de desenvolver aquisições de competências cognitivas complexas, tais como: autonomia intelectual, criatividade, solução de problemas, análise e prospecção, entre outras (BRASIL, 2000). Ou seja, o papel da escola é, ou ao menos deveria ser, formar cidadãos capazes de refletir e compreender o mundo que o cerca, pois sua função não é fazer com que os alunos acumulem conhecimento, e sim os produza com autonomia e de forma crítica.

Alarcão, ao apontar a escola ideal ratifica:

Desejamos uma escola do nosso tempo, janela aberta para o presente e para o futuro, onde se viva a utopia mitigada que permite criar e recriar, sem contudo perder a razoabilidade e a estabilidade. Uma escola onde se realize, com êxito, a interligação entre três dimensões da realização humana: a pessoal, a profissional e a social. E onde se gerem conhecimentos e relações, comprometimentos e afetos (ALARCÃO, 2001, p. 12).

A passagem da referida autora expressa que a escola tem a função social que vai além de simplesmente formar cidadãos para o mercado de trabalho, ela abrange o aspecto da vida como um todo. Ainda segundo a autora, a escola é a própria vida, “um local de vivência da cidadania” (p.18).

Fica em evidência que a escola jamais deve fechar-se em si mesma. Para que possa cumprir o seu papel de maneira satisfatória, ela precisa interagir com aqueles que estão a sua volta e que são atores principais nessa jornada rumo ao conhecimento. Dayrell ao escrever sobre a escola enquanto espaço sócio-cultural destaca:

Analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição (DAYRELL, 1996, p. 136).

Nesse sentido, a escola é construída cotidianamente pelos sujeitos que a compõem, ou seja, por toda a sociedade conjuntamente, e nesse arcabouço se insere os pais de alunos, funcionários, professores, direção e a comunidade em geral. Parafraseando Dayrell (1996, p. 10), a escola não é somente reprodutora de conhecimento, de conteúdos pré-determinados; antes, é um espaço de formação humana.

Contudo, a escola que está posta continua seguindo um modelo arcaico, em que, por exemplo, a compartimentação ainda é praticada. A disciplinarização, conforme está, “retarda” e/ou impossibilita a associação de conteúdos e a interpretação, mesmo hoje já constando nos PCN’S, que é um documento que auxilia o professor em sua prática pedagógica, a questão da interdisciplinaridade e os temas transversais. A fragmentação da ciência, a fim de se promover maior conhecimento e domínio sobre uma determinada área, provocou mudanças radicais no processo de ensino-aprendizagem, e seus reflexos ainda persistem nos tempos hodiernos.

Alarcão, ao se debruçar sobre a temática escola, afirma que essa precisa de uma mudança paradigmática; mas, para que isso ocorra, é preciso reorientar o pensamento sobre ela. A autora segue argumentando que “é preciso refletir sobre a vida que lá se vive, em uma atitude de diálogo com os problemas e as frustrações, os sucessos e os fracassos, mas também em diálogo com o pensamento, o pensamento próprio e o dos outros” (ALARCÃO, 2001, p. 15)

Visto as rápidas mudanças ocorridas na contemporaneidade, no que tange à informação, é preciso repensar a forma de ensinar, assim como o que ensinar. E



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

nesse sentido, todos devem estar envolvidos: direção, professores, alunos, pais de alunos, funcionários e a comunidade em geral, participando efetivamente das decisões tomadas dentro da própria escola e buscando meios de fazer dela um espaço interdisciplinar. Esses aspectos, afinal, são elementos basilares para a construção do projeto político e pedagógico da escola, como alternativa do não engessamento das tomadas de decisões. Assim sendo, como discorre Alarcão (2001, p. 73), “a função social e política da escola é a socialização do saber por meio do ensino de qualidade e da pesquisa qualificada, garantindo o ingresso e o sucesso escolar para todos”.

As relações entre conhecimento científico e conhecimento escolar têm sido estudadas, sob diversos enfoques e em várias áreas: Didática, Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, entre outras. Atualmente, os complexos problemas que a sociedade brasileira tem enfrentado na busca de melhor qualidade de vida, na instauração da ordem democrática, na luta por práticas políticas, pautadas na ética e na justiça social, têm sido delegados os esforços práticos e intelectuais a educação, como um dos caminhos para compreendê-los na busca de soluções mais eficientes.

O equacionamento dos problemas enfrentados pela sociedade brasileira passa pela educação básica, pela formação da cidadania e pela participação social crítica dos agentes e sujeitos envolvidos. Nessa direção, a educação escolar, mediante o ensino e aprendizagem, destaca-se como instância específica na promoção de ações destinadas a assegurar a formação de cidadãos. Assim sendo, investir teórica e praticamente no ensino escolar, em suas mais variadas formas, é, pois, investir nas formas de promoção da democracia, da vida cotidiana, da justiça e da igualdade formal, considerando-se seu âmbito peculiar de atuação ao lado de outras esferas sociais, econômicas, políticas e culturais.

Considerando essas esferas, que estão diretamente ligadas ao ambiente escolar, Cavalcanti ressalta:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A escola não é uma agência homogênea, pois que nela convivem valores, conhecimentos, modos de pensar e linguagens que trazem a marca da diversidade. Essa heterogeneidade permite o encontro – de diferentes práticas e pensamento – e o confronto de saberes, o confronto do verbalismo com o simbolismo, do real congelado com o próprio real, do formalismo com o informal, o universal e o racional com o particular (CAVALCANTI, 2002, p. 74-75).

Tais aspectos, talvez, sejam os mais discutidos no âmbito escolar, pois, trata especificamente do cotidiano e dos principais sujeitos envolvidos (professores, alunos, funcionários e comunidade).

O ambiente escolar é o lugar de vivências, experiências e de diversas formas de pensamento; possibilita a interação dos mais variados conjuntos sociais, como: etnias, classes sociais, comunidades religiosas e culturais, posição política, entre outros. Este cenário contribui de forma enriquecedora para a produção do conhecimento e dos sujeitos que nele estão inseridos. Nessa ótica, a construção e reconstrução destes ocorrem na escola, mas, também, fora dela, uma vez que construímos o conhecimento tendo como base as experiências prévias extra-escolares, ficando a cargo da escola a sistematização do pensamento.

Tendo em vista o conhecimento do espaço escolar em sua totalidade, foi realizada uma entrevista com a vice-diretora do Colégio Estadual Polivalente de Vitória da Conquista, a fim de obter informações precisas no que tange a organização do espaço escolar: administração, estrutura física e espaço pedagógico.

A escola em destaque possui 2.100 alunos no total. Estes estão distribuídos nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. Para acomodar os discentes, a escola dispõe de 21 salas amplas. O colégio está estruturado para funcionar em três modalidades: ensino fundamental, médio e Ensino para Jovens e Adultos (EJA).

Os alunos são oriundos, principalmente, do próprio bairro onde se encontra a escola (bairro Brasil) e bairros adjacentes como Patagônia, Ibirapuera e Kadija. O



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

quadro pedagógico geral é composto por 101 sujeitos, dos quais 77 são professores e os outros 24 estão distribuídos entre funcionários e coordenadores.

Quanto ao espaço físico, a escola possui uma biblioteca com acervo pequeno. Observou-se que a maioria dos livros estava ultrapassada, porém, em bom estado de uso; não havia nenhum livro direcionado para dar suporte ao professor, exceto o livro didático.

Existem dois laboratórios na escola, um de informática, com acesso à internet, e outro de ciências. Esse último, porém, ainda não está em funcionamento, visto estar em processo de instalação. Em relação à sala de trabalho pedagógico, a escola disponibiliza computadores e impressora. Ademais, há uma sala de reprografia contendo três máquinas, na qual funciona pelo sistema de cotas, em que cada professor deve entregar o material com antecedência a fim de facilitar o trabalho.

Segundo a vice-diretora, a semana pedagógica da escola ocorre anual ou semestralmente. São desenvolvidos projetos voltados para a aprendizagem dos alunos; contudo, não houve realização no ano de 2012. A proposta do calendário escolar é disponibilizada pela Secretaria de Educação, que, em função da greve dos professores da rede estadual de ensino, nesse respectivo ano, tiveram que reelaborar um calendário especial de acordo a realidade de cada escola.

Em se tratando dos recursos didáticos, são oferecidos quatro datas show e quatro notebooks. A Secretaria de Educação repassa para a escola, a cada três anos, uma quantidade suficiente de livros didáticos para cada aluno. A proposta de escolha dos livros geralmente é enviada pelos professores à Secretaria de Educação, e, normalmente, é aceita. Os mapas raramente são utilizados pelos professores de Geografia.

As reuniões de pais acontecem a cada unidade. De acordo a vice-diretora, a maioria dos pais presentes nas reuniões corresponde aos alunos do turno matutino. Os pais dos alunos do vespertino não são assíduos e os alunos do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

noturno, por serem adultos em sua maioria, respondem por si só. É realizado, também, conselho de classe a cada unidade; logo após há o plantão com os professores, em que os pais podem dialogar sobre seus filhos.

O quadro de professores de Geografia é composto por sete docentes. Dentre esses, dois possuem uma carga horária de 40 horas, e o restante de 20 horas. Todos são formados pelo curso de Licenciatura em Geografia e tem entre 8 e 25 anos de serviço.

Os livros da biblioteca precisam ser revistos, uma vez que se encontram ultrapassados em seus conteúdos, não dando o suporte necessário aos discentes, sobretudo para trabalhos de pesquisa de Geografia.

A escola está bem preparada do ponto de vista pedagógico, com uma diretoria comprometida e presente nas decisões que cabe a ela. Ademais, no que concerne a disciplina especificamente de Geografia, a escola possui professores capacitados para exercer as suas funções, sendo todos licenciados e com pós-graduação.

O colégio Estadual Polivalente de Vitória da Conquista, apesar de todas as dificuldades existentes na educação brasileira, principalmente na rede pública de ensino, cumpre o seu papel social e exerce influência na sociedade que está inserida, capacitando os alunos para além da vida no mercado de trabalho, formando cidadãos reflexivos e autônomos.

A Escola Normal é uma das mais tradicionais de Vitória da Conquista. Ela foi implantada na década de 1950, cuja inauguração se deu no dia 20 de março de 1952. A instituição foi criada “por meio do Decreto nº 15.149, que estabelecia a implantação do curso Normal Rural” (MENDES, 2004, p. 28). Formadora de profissionais do magistério, esta unidade possui uma escola de ensino fundamental - Escola de Aplicação Maria do Carmo Vieira de Melo.

Segundo Mendes, a escola recebeu este nome a pedido do governador do estado, Regis Pacheco, que “solicitou a permissão da comunidade para que numa



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

prova de veneração a um dos mais ilustres espíritos desta terra, a Escola Normal leve o nome de Euclides Dantas” (MENDES, 2004, p. 29). Isso aconteceu no momento da inauguração, só em 1952 a escola passou a se chamar Escola Normal Euclides Dantas, em homenagem ao educador e poeta Euclides Dantas.

Conforme entrevista cedida pela vice-diretora do turno matutino, o Instituto de Educação Euclides Dantas - IEED é composta por uma direção e três vice-diretores, uma em cada turno. A instituição não possui coordenação pedagógica, tendo sete professores de Geografia distribuídos pelos três turnos. É uma instituição, segundo a vice-diretora, de cunho democrático e flexível nas suas ações.

Os recursos humanos disponíveis para que haja um bom funcionamento na escola é insuficiente, pois não possui funcionários para a biblioteca, não há secretário escolar, funcionário na secretaria e também uma coordenação pedagógica.

A escola em questão dispõe de recursos didáticos como: data show, aparelhos de som, DVD, TV Pen drive, internet sem fio, máquina de xerox, impressoras, computadores e notebook. Todos são disponibilizados para os docentes. Em relação às instalações físicas do IEED (popularmente conhecido como Escola Normal) é considerado de um modo geral adequado para o seu funcionamento, embora algumas salas estejam necessitando de reformas. A realidade da estrutura física do colégio é o reflexo do Projeto Político Pedagógico (PPP).

Referenciando a relação alunos com o ambiente escolar, houve um crescimento significativo no que diz respeito ao comportamento dos mesmos neste ambiente. Os casos de destruição do patrimônio público escolar são esporádicos e isolados. Por fim, o colégio realiza as reuniões a cada final de unidade, bem como o plantão pedagógico. Realiza também alguns eventos, tais como a Semana Social e a Fanfarra. A participação dos pais nas decisões tomadas na escola não ocorre como



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de fato deveria, pois a frequência dos mesmos é relativamente baixa. A única participação é através do Colegiado Escolar.

Em meados da década de 1950, o Instituto de Educação Euclides Dantas recebeu uma estrutura bem elaborada, a fim de poder abarcar todos os alunos para que pudessem seguir uma carreira profissional. Contudo, nos tempos hodiernos, apesar de todo aparato tecnológico que fora implantada, não consegue desenvolver o mesmo trabalho de outrora. Não obstante, essa problemática é o reflexo do descaso com a educação pública no Brasil, não estando restrita apenas a escala local. Assim como, a falta de capacitação dos docentes, por, na maioria das vezes, não estarem embutidos num programa de formação continuada.

Nesse sentido, para se ter uma educação de qualidade e respeito, é preciso que todos estejam engajados no mesmo processo, pois educação não se constrói somente com tecnologia, mas sim com capacitação, profissionalismo e interesse mútuo da comunidade em geral.

CONCLUSÕES

Com base nos argumentos levantados, fica evidente que a escola está para além de seu espaço físico; ou seja, em sua real função ela ultrapassa as quatro paredes e interage com os demais segmentos sociais externos a ela. Ademais, a escola, seja pública ou privada, deve exercer um papel na perspectiva de consolidação da democracia, de forma que todos participem das decisões pedagógicas cabíveis a ela, como os pais, os próprios alunos, professores, funcionários e comunidade em geral.

Nessa direção, a escola deve ter um caráter emancipador, na busca da efetivação de sua autonomia, possibilitando meios de promover a interdisciplinaridade para que o processo de ensino-aprendizagem não continue engessado, verticalizado.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Destarte, a estrutura escolar precisa ser repensada e/ou remodelada, deixando o tradicionalismo de lado rumo a outros patamares, propícios a uma construção/consolidação do conhecimento, fazendo dos alunos pessoas melhores, que intervenham criticamente na sociedade que estão inseridos, a fim de promover transformações no que diz respeito à igualdade e a justiça social.

Não obstante, é necessária uma reformulação não somente da escola, mas, também, do sistema educacional que está posto. Contudo, segundo Mészáros (2005), para sua realização, seria preciso promover mudanças no quadro social em que a sociedade se encontra, uma vez que a educação está intimamente ligada aos processos de reprodução mais amplos.

Desse modo, a escola institucionalizada deve romper com a lógica dominante e ser pensada horizontalmente, em que suas ações tenham um caráter emancipador, libertária, ajudando a formar alunos que pensem o seu espaço cotidiano enquanto forma de um processo maior, não circunscrito ao seu espaço local.

Apesar da escola Polivalente e Euclides Dantas cumprirem suas funções sociais, existe lacunas que precisam ser preenchidas, a fim de que ocorra a verdadeira sistematização do conhecimento. Para isso, é preciso buscar meios efetivos de fazer da escola uma instituição una, não mais fragmentada, desarticulada, tanto no que se refere a si mesmo, quanto a sua relação com os demais segmentos da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Org. Isabel Alarcão. – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- ALVES, L. R. G.; PRETTO, N. L.. Escola: um espaço de aprendizagem sem prazer?. In: Nelson de Luca Pretto. (Org.). **Tecnologia e novas educações**. Salvador: EDUFBA, 2005, v. 1, p. 169-177.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000.
- CUNHA, L. A.; GÓES, M. de. **O Golpe na Educação**. 11. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.
- _____. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: Juarez Dayrell. (Org.). **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996, v., p. 136-161.
- FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade**. – 3. ed. rev. – São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. 1930; tradução de Isa Tavares – São Paulo: Boitempo, 2005.